



DOI: 10.20911/25260782v10n1p204/2025

O Eterno Retorno na primeira parte de *Assim Falou Zaratustra*

Newton Pereira Amusquivar Junior¹

Resumo: É possível afirmar que três conceitos presentes em *Assim falou Zaratustra* estão distribuídos em cada parte desta obra: além-do-homem é mais enfatizado na primeira parte, vontade de poder na segunda e, por último, eterno retorno tem um papel mais central na terceira. Entretanto, isso não significa que tais conceitos estão restritamente presentes somente nessas partes referidas. Por outro lado, Marcos Brusotti considera que Nietzsche não aborda o eterno retorno na primeira parte dessa obra e nem planejou isso. Porém, apesar de não haver uma dissertação sobre o eterno retorno, há nessa parte a imagem do eterno retorno no final do prólogo, quando os animais de Zaratustra realizam movimentos circulares, assim como no discurso *Das três transmutações*, onde a imagem da “roda rodando” da criança é signo do eterno retorno. O objetivo aqui é interpretar o eterno retorno na primeira parte desta obra por meio das imagens dos animais e da criança.

Palavras-chave: Eterno retorno. Zaratustra. Animais. Criança.

INTRODUÇÃO

Em *Assim falou Zaratustra* aparecem concepções centrais da filosofia de Nietzsche como morte de Deus, além-do-homem, vontade de poder e eterno retorno. Nota-se que esses conceitos se desenvolvem nas andanças e nos discursos de Zaratustra, de tal forma que a morte de Deus e além-do-homem são abordados mais profundamente na primeira parte, a vontade de poder é um tema central da segunda parte e o eterno retorno está mais presente na terceira parte. A quarta parte não estava na composição inicial projetada por Nietzsche, pois é uma publicação privada entre amigos que deveria ficar em segredo (Carta a Paul Heinrich Widemann de 31 de julho de 1885, *apud* JANZ, 2016, Volume II, p. 169), mas nela todos esses conceitos retornam em articulação com a concepção de homens superiores.

Apesar dessa distribuição de temas em *Assim falou Zaratustra*, considero problemático afirmar que esses conceitos são exclusivos de cada uma dessas partes. Com os conceitos de morte de Deus, além-do-homem e vontade de poder, isso é evidente por serem tematizados nas outras partes. Porém, em relação ao eterno retorno, a citação explícita do conceito ocorre somente na terceira parte. Surgindo a tese de que não há eterno retorno na primeira parte de

¹ Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e realizando o estágio de pós-doc no programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em Guarulhos-SP, Brasil e com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP) do processo número: 2023/18346-2. E-mail: newtonpa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7211-9703>.

Assim falou Zaratustra. Pretendo demonstrar aqui que, apesar de não haver discursos sobre o eterno retorno, há imagens que se referem a essa concepção de Nietzsche e que podem ser desenvolvidos no horizonte do eterno retorno.

1. O ETERNO RETORNO NA PRIMEIRA PARTE DE *ASSIM FALOU ZARATUSTRA* ATRAVÉS DE IMAGENS

Por conta da ausência explícita do eterno retorno, Marcos Brusotti considera que tal conceito não aparece na primeira parte de *Assim falou Zaratustra*: “não se fala do eterno retorno no primeiro Zaratustra. E mesmo a decisão literária fundamental de comunicar o eterno retorno no contexto de *Assim falou Zaratustra* foi uma decisão a que Nietzsche chegou somente após o primeiro ‘Zaratustra’” (BRUSOTTI, 2012, p.152). Segundo ele, não há indícios de que Nietzsche tinha o todo da obra quando escreveu a primeira parte, pois a primeira parte é um texto fechado em si, o que o levou a especular que “Nietzsche parece ter desistido da comunicação do eterno retorno neste escrito e apenas posteriormente retornado ao seu plano original, mas não sem submetê-lo a mudanças radicais” (*Idem*, p. 152 – 153). Para sustentar essa hipótese, ele cita a crise pessoal que Nietzsche teve depois que terminou de escrever *A gaia ciência* e o fragmento póstumo 4[81] de 1882, em que o filósofo alemão afirma não querer viver a vida novamente, e que só a consegue suportar criando (*Idem*, p. 153).

Diferente dessa interpretação de Brusotti, este artigo pretende argumentar contra essa tese e demonstrar a presença do eterno retorno na primeira parte de *Assim falou Zaratustra* através de imagens e não em formato de discurso, pois, de fato, não há uma explanação dissertativa explícita sobre o eterno retorno nessa parte da obra, mas, nela o eterno retorno aparece através de imagens como os animais e a criança, sendo possível pensar sobre a moral, a nossa existência e o tempo através delas.

Primeiramente, não parece consistente a tese de que Nietzsche teria desistido de comunicar o eterno retorno quando escreveu a primeira parte do livro. Essa tese é sustentada por meio das premissas de que essa parte seria inicialmente o todo da obra, pois a primeira parte é livro fechado e que pode ser lido independente das outras, e que o filósofo alemão teria desistido de anunciar o eterno retorno nela, dado que Nietzsche sentia inseguranças sobre o livro (carta a Overbeck de 22 de fevereiro de 1883). Porém, a primeira anotação do projeto de *Assim falou Zaratustra* ocorre no fragmento póstumo 11[198] de 1881 em que a obra é dividida em quatro livros. E, apesar dos quatro livros planejados não corresponderem às quatro partes do livro tal como é organizado atualmente, José Nicolao Julião observa bem que cada uma desses livros correspondem às três primeiras partes da obra (JULIÃO, 2016, p. 44). Inclusive, o quarto livro do projeto presente nesse póstumo contém a pretensão de explicar sobre o eterno retorno. Nele está escrito: “a cobiça de viver o todo ainda uma vez e de revivê-lo eternamente” (KSA, IX, 519-520, 11[198], *apud* JULIÃO, 2016, p. 44). Então, não é possível sustentar que Nietzsche não pretendia escrever outras partes sobre Zaratustra, pois desde o primeiro plano essa pretensão já estava presente. O fato da primeira parte ser

fechada não implica a exclusão do planejamento de escrever as outras partes, como evidencia o fragmento acima citado.

Quanto à premissa de que Nietzsche não pretendia anunciar o eterno retorno ao escrever a primeira parte de *Assim falou Zaratustra*, isso pode ser refutado não só pela citação anterior do fragmento 11[198], mas também os escritos e os relatos presentes nas suas obras publicadas. Em *A gaia ciência*, ou seja, antes da primeira parte de Zaratustra, o eterno retorno já é anunciado no aforismo 341; ele levanta a hipótese de que a vida terá de ser vivida “ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência” (NIETZSCHE, 2005, p. 193). No aforismo seguinte, intitulado *Incipit tragoedia*, o texto é quase o mesmo do começo do livro *Assim falou Zaratustra*, o que evidencia uma relação entre eterno retorno e Zaratustra. Além disso, seria um tanto estranho Nietzsche desistir de anunciar o que já escreveu em *A gaia ciência*. Afinal, por que ele desistiria de realizar algo que ele já tinha pelo menos começado a realizar na obra anterior?

Por fim, em *Ecce homo*, Nietzsche deixa explícito a relação entre eterno retorno e *Assim falou Zaratustra*: “Contarei agora a história do Zaratustra. A concepção fundamental da obra, o pensamento do eterno retorno, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar, é de agosto de 1881” (NIETZSCHE, 2008, p. 79). O filósofo alemão relata que naquele tempo caminhava pelos bosques perto do lago de Silvaplana e se deteve diante de um bloco de pedra em formato de pirâmide, então ele tomou uma nota que também relata em *Ecce homo*: “foi lançado em uma página com o sobrescrito: ‘seis mil pés acima do homem e do tempo’” (*Idem, ibidem*). Trata-se do fragmento póstumo 11 [141] de 1881, onde aparece pela primeira vez entre seus cadernos de anotações o termo eterno retorno. A primeira anotação sobre o eterno retorno (11 [141] de 1881) ocorre no mesmo ano e no mesmo caderno que está o primeiro projeto de Zaratustra (fragmento póstumo 11[198] de 1881). Em *Ecce homo*, Nietzsche relata o surgimento de Zaratustra em sintonia com o eterno retorno: quando ele morava na Baía Rapallo, ao fazer suas caminhadas, que o ocorreu “todo o primeiro Zaratustra, sobretudo o próprio Zaratustra como tipo: mais corretamente, ele *caiu sobre mim*” (*Idem*, p.80). Portanto, não é razoável considerar que Nietzsche pretendia em algum momento deixar separados a concepção do eterno retorno e Zaratustra: o eterno retorno é a concepção fundamental dessa obra e ele orienta toda ela, desde o começo até o final.

Porém, de fato, a dissertação sobre o eterno retorno não ocorre na primeira parte, mas ela começa a ser desenvolvida por meio de concepções como morte de Deus, além-do-homem. A superação da moral e do homem (o projeto intitulado posteriormente de *transvaloração de todos os valores*) não está separada do eterno retorno. O título do aforismo 341 de *A gaia ciência* demonstra isso: *O mais pesado dos pesos* (*Das grösste Schwergewicht*). Essa referência ao peso contém uma relação entre a necessidade de novos valores, medidas e sentidos com a superação da “morte de Deus”. Luís Rubira (2010) demonstra em seu livro que a referência ao peso no eterno retorno pode ser compreendida por meio da necessidade de

instaurar novos valores, sustentando assim sua tese de que a suposição do eterno retorno permite pensar uma tentativa de transvaloração de todos os valores. Sendo assim, é apenas com o problema da moral na crise da modernidade (morte de Deus) que o eterno retorno poderá ser indicado como afirmação incondicional da vida que supera os valores morais. Nesse sentido, o eterno retorno aparece na primeira parte de *Assim falou Zaratustra* através de imagens, indicando para onde todas aquelas críticas à moral de Zaratustra levará.

Sendo assim, seleciono duas imagens do eterno retorno na primeira parte de Zaratustra para analisar. A primeira imagem está no final do prólogo, quando Zaratustra diante do fracasso em anunciar o além-do-homem, nota os seus dois animais realizando movimentos circulares: “e eis que uma águia fazia vastos círculos no ar, e dela pendia uma serpente, não como uma presa, mas como uma amiga: pois estava enrodilhada em seu pescoço” (NIETZSCHE, 2011, p. 25). A segunda imagem está no final do primeiro discurso da primeira parte, o famoso *Das três transmutações*, em que o espírito se transforma em camelo, leão e, por fim, em uma criança, a qual associa-se também a imagem do movimento circular: “inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (NIETZSCHE, 2005, p. 214). Qual é a relação entre os animais de Zaratustra, a última transmutação em criança e o eterno retorno? É justamente com essa questão que essas imagens do eterno retorno podem nos levar a refletir muito sobre ele.

2. O ETERNO RETORNO NA IMAGEM DOS ANIMAIS E DA CRIANÇA NA PRIMEIRA PARTE DE ASSIM FALOU ZARATUSTRA

A primeira parte de *Assim falou Zaratustra* não contém uma explanação sobre o eterno retorno, mas há referências a ele por meio de imagens e metáforas como do meio-dia, do mel, do sol, assim como os emblemáticos animais de Zaratustra, que fazem movimentos circulares, e a criança da última transmutação do espírito no discurso *Das três transmutações* que é associada a uma roda rodando por si mesma. A interpretação sobre essas duas imagens fornece aspectos importantes sobre o eterno retorno, mesmo sendo imagens que estão na primeira parte da obra.

Os animais de Zaratustra estão sempre na sua solidão e são considerados signos de atributos necessários para a sua sabedoria. A solidão não é simplesmente um afastamento de todos, mas é um movimento de autoconhecimento que, em Zaratustra, expressa uma grande sabedoria transbordante que precisa ser compartilhada aos homens. O prólogo da obra narra o primeiro declínio de Zaratustra, ele sai da sua solidão na caverna com seus animais e vai até o mercado de uma cidade, a fim de compartilhar a sua sabedoria. No meio do caminho, ele encontra um velho santo que, depois de recomendar a não descer em direção aos homens, afirma fazer louvor a Deus. Ao ouvir isso, Zaratustra se despede do santo e, quando está só, diz para si mesmo: “Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto*!” (NIETZSCHE, 2011, p. 13). Portanto, a morte de Deus é um pressuposto que Zaratustra carrega consigo. Na filosofia de Nietzsche, a sentença “Deus está morto”

remete ao esgotamento do suprassensível na metafísica inaugurada por Platão e da noção de um Deus transcendental e monoteísta formado principalmente pela religião judaico-cristão que coloca sentido em toda realidade natural e social. Ele aponta nesse esgotamento dos ideais morais possibilidades de superação deles.

Ao ir até os homens, Zaratustra supõe esse declínio dos valores morais ao propor a superação do homem moralizado por esses valores. Por isso, ele quer ensinar o além-do-homem: “o homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?” (*Idem*, p. 13). A superação da moral no homem implica não apenas novas tábulas de valores, mas um novo modo de existência diferente de qualquer experiência humana formada no passado. Zaratustra pede para permanecermos fiéis à terra e não acreditar em “esperanças supraterrêneas” (*Idem*, p. 14). Até agora o homem só soube ofender a terra, olhando com desprezo para o corpo, Zaratustra quer ensinar aos homens o amor à terra, ao corpo e à vida.

Entretanto, o povo não recebe bem o além-do-homem, eles riram e estavam mais preocupados em assistir o equilibrista, então Zaratustra anuncia os últimos homens que representam a efetivação dos ideais morais de felicidade, igualdade, segurança e bem-estar. Os últimos homens simbolizam o apequenamento do homem diante de uma moral de rebanho que disciplina e administra todos. O povo se atrai em relação aos últimos homens: “Dá-nos esse último homem, ó Zaratustra” (*Idem, ibidem*).

Depois desses discursos, um equilibrista se apresenta, mas um palhaço o atrapalha fazendo-o cair. Zaratustra consola o moribundo antes da sua morte, e depois sai da cidade com o cadáver, sendo hostilizado pelo palhaço e odiado por todos. Ele caminhou com o cadáver o dia todo, dormiu na floresta. Quando ele acordou de manhã, tinha uma nova verdade: “uma luz raiou para mim: de companheiros necessito, que sigam porque querem seguir a si mesmos – e para onde quero ir. (...) que Zaratustra não fale para o povo, mas para companheiros” (*Idem*, p. 23). Ele não é pastor ou cão de rebanho, mas veio “para atrair muitos fora do rebanho” (*Idem, ibidem*). Tanto os bons e os justos como os crentes de todas as fés odeiam quem quebra os seus valores, mas Zaratustra quer ser com seus companheiros destruidores e “desprezadores de bem e mal” (*Idem, ibidem*), assim como criadores capazes de “escreverem novos valores em novas tábuas” (*Idem*, p. 24). A superação da moral como objetivo é evidente nesse primeiro declínio de Zaratustra, apesar de ele não ser bem-sucedido.

No final do prólogo, Zaratustra está abandonado e diante do seu fracasso, então aparecem seus animais ao meio-dia (signo do eterno retorno também) do alto: “E eis que uma águia fazia vastos círculos no ar, e dela pendia uma serpente, não como uma presa, mas como uma amiga: pois estava enrodilhada em seu pescoço” (*Idem*, p. 25), Zaratustra diz com alegria: “Estes são meus animais! (...) O mais orgulhoso animal sob o sol e o prudente animal sob o sol – eles saíram em exploração” (*Idem, ibidem*). Zaratustra especula que eles queriam ver se ele estava ainda vivo. Ele nota ter encontrado mais perigo entre os homens do que entre os animais e afirma: “Que meus animais me conduzam!” (*Idem, ibidem*). Assim, ele deseja atributos dos seus animais. Da serpente, ele quer a prudência: “pudera eu ser mais prudente!

Pudera eu ser prudente por natureza, como minha serpente” (*Idem, ibidem*). Já, da águia, ele quer o orgulho: “Mas peço algo impossível; então peço a meu orgulho que sempre acompanhe minha prudência!” (*Idem, ibidem*). Os dois animais juntos é a combinação entre prudência e orgulho que Zaratustra necessita para continuar a sua jornada: “e, se algum dia minha prudência me abandonar: - oh, ela gosta de bater asas! -, que meu orgulho, então, ainda voe juntamente com minha tolice!” (*Idem, ibidem*).

Para Heidegger, a imagem da águia e da serpente em movimento de círculo no final do prólogo é a imagem do eterno retorno (HEIDEGGER, 2010, p. 231). A águia é o animal mais altivo de todos e a serpente é o mais astuto de todos, Heidegger enfatiza a posição superior da altivez e a dissimulação da astúcia. Não se pode pensar nos dois animais separados, pois eles pertencem um ao outro, ambos fazem parte da imagem do eterno retorno. Também Gilles Deleuze aborda o simbolismo dos animais de Zaratustra, para ele a serpente enrolada em torno da águia e a própria águia voando em círculo exprimem o eterno retorno como “aliança, como anel no anel, como esposais do casal divino Dionísio-Ariana” (DELEUZE, 2016, p. 39). Ele ainda observa a animalidade no simbolismo dos animais de Zaratustra, eles “exprimem-no [o eterno retorno] de maneira animal, como uma certeza imediata ou uma evidência natural” (*Idem, ibidem*).

A águia e a serpente também podem ser interpretados como imagem do eterno retorno por já estarem na contra-imagem do reformador religioso persa, Zoroastro, uns dos primeiros registros do monoteísmo e da dualidade entre bem e mal (maniqueísmo). Em *Ecce homem*, Nietzsche afirma: “Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas – a tradução da moral para o metafísico, como força, causa, fim em si, é obra *sua*” (NIETZSCHE, 2008, p. 103). Se Zoroastro é o primeiro a considerar o bem e o mal como princípio metafísico da existência, então Zaratustra de Nietzsche é uma superação do Zoroastro, pois ele busca superar essa moralidade: “Zaratustra criou este mais fatal dos erros, a moral: consequentemente, ele também deve ser o primeiro a reconhecê-lo” (*Idem, ibidem*).

Zoroastro considerava Ahura Mazda como princípio de vida e de bem, mas que vivia em luta contra Ahriman, princípio negativo, o mal. Mónica Cragolini (2011) nota diversas semelhanças entre Zoroastro e Zaratustra de Nietzsche: eles vivem em caverna, assim como a águia e a serpente também aparecem nessas religiões persas. Cragolini afirma que, nessas religiões, os dois animais evidenciam a luta entre o elemento solar e terreno, expressando os princípios opostos de bem e mal (CRAGNOLINI, 2011, p. 25). Também Thatcher relaciona a águia ao ar, altura, céu, sol, razão e bem; enquanto a serpente é relacionada com a terra, o solo, escuridão, noite e mal (THATCHER, 1977, p. 252). Porém, se toda tradição da simbologia entre a águia e a serpente tratou os dois como opostos em guerra, em Nietzsche elas aparecem em paz uma com a outra (*Idem*, p. 243). Se Zaratustra é uma contra-imagem do profeta persa, então a águia e a serpente também são uma contra-imagem dos animais de Zoroastro, estão além do bem e do mal (*Idem*, p. 254). Também Lampert considera que o entrelaçamento da águia e da serpente simboliza a superação desses dualismos, estando, portanto, para além do

bem e do mal (LAMPERT, 1986, p. 29). Portanto, os animais de Zaratustra estão no horizonte da superação da moral e da dualidade entre o bem e o mal. A águia e a serpente em movimentos circulares no final do prólogo indicam que essa superação da moralidade pode ocorrer através do eterno retorno, tal como Thatcher também reconhece (THATCHER, 1977, p. 255).

Os animais não passam por um processo de moralização dos costumes, eles podem no máximo serem adestrados, mas não seguem esse comportamento por supremos valores. Os animais estão para além do bem e do mal e contém uma relação com o tempo diferente de quem tem uma memória da vontade, conceito que Nietzsche desenvolve na segunda dissertação de *A genealogia da moral* (1998). Em *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche descreve o estado animal com uma felicidade ingênua, pois ele esquece (NIETZSCHE, 2017, p.33-36). Portanto, o animal representa uma forma de vida não moral, mas vivida de modo bruto, a amoralidade dos animais tem uma relação com a supramoralidade do além-do-homem, capaz de afirmar a vida por meio do eterno retorno.

A imagem da criança no discurso *Das três transmutações* da primeira parte da obra também contém as transformações dos valores morais. Nesse discurso, Zaratustra narra a transformação espiritual necessária a seus companheiros para a superação da moral. Ele fala: “três transmutações vos cito do espírito: como o espírito se torna camelo, e em leão o camelo, e em criança, por fim, o leão (...)” (NIETZSCHE, 2005, p. 213). Lampert divide toda a primeira parte da obra por meio dos três espíritos: camelo, leão e criança (LAMPERT, 1986, p. 35). Porém, é possível notar referências ao camelo, ao leão e à criança nas outras partes, podendo então ser interpretado como o caminho de Zaratustra até o eterno retorno. Assim, as três transmutações não só indicam a transformação dos valores, mas também a criação de valores que afirmam a vida, tal como ensina o eterno retorno.

O camelo é o primeiro espírito, ele carrega o peso e sente em suas costas todo o peso do mundo, mas segue carregando sem se questionar. Assim, o espírito do camelo significa a obediência e a sujeição diante dos valores morais, pois ele segue seu caminho, sem saber para onde e nem o motivo, mas anda em direção ao deserto: “Todo esse pesadíssimo o espírito de carga toma sobre si: igual ao camelo, que carregado corre para o deserto, assim ele corre para seu deserto.” (NIETZSCHE, 2005, p. 214).

No deserto ocorre a transformação do espírito de camelo para o leão: “Mas no mais solitário deserto ocorre a segunda transmutação: em leão se torna aqui o espírito, liberdade quer ele conquistar, e ser senhor do próprio deserto” (*Idem, ibidem*). Trata-se de outra transmutação do espírito: ele não quer mais obedecer, carregando o peso do dever, mas quer sua liberdade. O leão afirma a sua vontade para além dos valores impostos, para além do “tu-deves” que é representado pelo dragão que luta contra ele: “Qual é o grande dragão, a que o espírito não quer mais chamar de senhor e deus? ‘Tu-deves’ se chama o grande dragão. Mas o espírito do leão diz ‘eu quero’” (*Idem, ibidem*). O “tu-deves” constitui o dever dos valores milenares presente nas escamas do dragão que afirma: “todo o valor das coisas – resplandecem em mim” (*Idem, ibidem*). O espírito do leão entra em conflito com esses valores ao tentar

negá-los. Löwith interpretou o leão como uma vontade negativa, pois essa guerra entre leão e dragão ocorre uma libertação dos valores estabelecidos (LÖWITH, 1986, p. 31). O leão é o espírito negador da moral: “Criar liberdade e um sagrado Não, mesmo diante do dever: para isso, meus irmãos, é preciso o leão.” (NIETZSCHE, 2005, p. 214).

Porém, essa liberdade do leão contém um limite: “Criar novos valores – disso nem mesmo o leão ainda é capaz: mas criar liberdade para nova criação – disso é capaz a potência do leão.” (*Idem, ibidem*). O espírito do leão é capaz de destruir valores, mas não consegue “criar novos valores – disso nem mesmo o leão ainda é capaz (...)” (*Idem, ibidem*). Para isso ocorrer é necessária a última transmutação: o espírito deve se tornar criança. Zarathustra questiona: “Mas dissei, meus irmãos, de que ainda é capaz a criança, de que nem mesmo o leão foi capaz? Em que o leão rapidamente tem ainda de se tornar em criança?” (*Idem, ibidem*). A resposta é dada por meio de diversas palavras que se contrapõe a moral: “Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (*Idem, ibidem*). A inocência da criança significa que não há nela uma imputação moral, ela é sem culpa, esse é o sentido da palavra alemão traduzida por inocência (*Unschuld*). O esquecimento dela significa que não há nela a consolidação da domesticação dos instintos formando uma memória da vontade, tal como ocorre com os animais. A imagem da criança é justamente aquela capaz de não apenas negar os valores antigos, tal como fez o leão, mas de criar, de formar algo novo. Com a criança é possível alcançar uma constante afirmação da vida: “Sim, para o jogo do criar, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: *sua* vontade quer agora o espírito, *seu* mundo ganha para si o perdido do mundo” (*Idem, ibidem*).

Essa caracterização da criança como um ser artístico, lúdico, criativo e com uma inocência que supera a moral já aparece nos textos de juventudes de Nietzsche quando ele remete ao fragmento DK B 52 de Heráclito. Nietzsche afirma em *A filosofia na era trágica dos gregos*: “Neste mundo, um devir e perecer, um erigir e destruir, sem qualquer imputação moral e numa inocência eternamente igual, possuem apenas a brincadeira do artista e da criança” (NIETZSCHE, 2008, p. 67). Também em *O nascimento da tragédia*, ele nota que o fenômeno dionisíaco se revela no lúdico construir e destruir “de maneira parecida à comparação que é efetuada por Heráclito, o Obscuro, entre a força plasmadora do universo e uma criança que, brincando, assenta pedras aqui e ali e constrói montes de areias e volta a derrubá-los” (NIETZSCHE, 2007, p. 140).

Portanto, a imagem da criança significa, ao mesmo tempo, a superação da moral (inocência) e a criação artística de valores que afirmam a vida. O movimento circular da roda demonstra o poder da criança de ver no círculo do eterno retorno como algo lúdico, e não como uma fonte de sofrimento e dilemas. A criança, assim como os animais, é uma imagem que remete à superação da moral por meio da afirmação da existência e criação de valores por meio da sabedoria do eterno retorno.

CONCLUSÃO

O eterno retorno considera que tudo vai ocorrer novamente e repetir na mesma ordem e sequência, e não haverá nada de diferente do que vivemos. Assim, o eterno retorno implica em duas coisas: primeiramente, não há um princípio imaterial que está além do que é vivido, pois não há uma outra realidade além da vida. Como consequência, não há valores supremos, universais e eternos que possam determinar como deve ser a vida. Em segundo lugar, essa vida deve ser afirmada em sua totalidade: toda dor e prazer, toda alegria e tristeza, tudo que é grande e pequeno, tudo precisa ser afirmado, e isso só é possível por meio da criação artística que brinca e esquece. A imagem dos animais de Zaratustra e da criança na última transmutação remetem a esses aspectos do eterno retorno: o movimento circular, a ausência de valores nos animais e nas crianças, assim como a criação artística necessária para afirmar a vida em sua totalidade.

Afinal, qual é a relação entre a criança e os animais? Ambos não estão submetidos a uma moralidade dos costumes, logo são imagens que remetem a uma vida sem a moral, que contém relações com uma superação da moral. Löwith relaciona a criança e o animal de uma maneira muito pertinente: “o que inicialmente aparece apenas como uma carência pré-humana, como a vida ahistórica do animal e da criança, mostra-se como uma perfeição positiva do ponto de vista além-humano de Zaratustra” (LÖWITH, 1986, p. 137). A vida sem história e sem moral das crianças e dos animais atrai para o horizonte do além-do-homem, da superação do homem e da moralidade, logo com uma nova relação com a vida, a natureza e o tempo. Com as crianças e os animais é possível formar uma imagem do que o eterno retorno quer nos levar: a fluidez da vida em uma pura inocência e força.

REFERÊNCIAS

- BRUSOTTI, M. O eterno retorno do mesmo em Assim falou Zaratustra. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 3, n. 2, páginas 149-167, jul/dez. 2012.
- CRAGNOLINI, Mónica B. *De Bactriana e as margens de Urmi à montanha e o ocaso* como introdução à leitura de *Assim falou Zaratustra*. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, S.; BARROS, T. *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro, Mauad X: FAPERJ, 2011, páginas 17-36.
- DELEUZE, G. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 2016.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*, Volume II. Trad.: Markus A. Hediger, Petrópolis-RJ, Vozes, 2016.
- LAMPERT, Laurence. *Nietzsche's Teaching: an interpretation of Thus Spoke Zarathustra*. New Haven and London: Yale University Press, 1986.
- LÖWITH, Karl. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*, Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1986.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas* (Os pensadores), São Paulo: editora nova cultura, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*, (Os pensadores), São Paulo, editora nova cultura, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. São Paulo, Hedra, 2017.

RUBIRA, Luís. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla, 2010.

THATCHER, D. S. Eagle and serpente in Zarathustra. *Nietzsche-Studien*, Berlin/New York, no 6, páginas 240-260, 1977.

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Newton Pereira Amusquivar Junior é graduado em filosofia e sociologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também realizou mestrado (defendido em 2015) e doutorado (defendido em 2019), com financiamento da Capes nas duas pesquisas. Em ambas as pesquisas foi estudado a relação da filosofia de Nietzsche com os pré-socráticos, em especial Heráclito e Anaximandro. Durante o doutorado realizou estágio de pesquisa no exterior na Universidade de Leipzig com o professor Christoph Türcke em 2017. Desde 2023 realiza pós-doc na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) com o professor Henry Burnett e com o financiamento da FAPESP, abordando sobre a animalidade em Nietzsche. Entre 2024 e 2025 realizou estágio no exterior na Universidade de Greenwich com a professora Vanessa Lemm. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7211-9703>. E-mail: newtonpa@gmail.com.

Endereço: Rua Abel Luís Ferreira, 277, F3, 14, Jardim do Lago, Campinas-SP, CEP: 13050-023

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Prof. Doutorando Adriano Geraldo da Silva/Profa. Dra. Kelly de Fátima Castilho